Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3981unse

no XXXIX – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de setembro de 1963 – N. 8

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMARIO

Pintores e Surdos no Espaço . . . *Redação*
Uma Questão Agrícola . . . . . *Carlos Imbassahy*
Reformas . . . . . *Domério de Oliveira*
Atitude Comprometedora . . . . *V. O. Casella*
Ainda o Caso Edgard Cayce . . . *Francisco Klörs Werneck*
Suprema Violência . . . . . *Fernando C. F. da Cunha*
Um Só Rebanho e Um Só Pastor . *Philemon*
A Vida como Compulsão Reencarnatória . . . . . *David Grossvater*
Sexto Congresso Espírita Pan Americano . . . . . *Traduzido pelo Grupo Emmanuel, de Araraquara*
Serões Bíblicos — XII . . . . . *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

Vida de Allan Kardec
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «
Timbolão «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1963 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Pintores e Surdos no Espaço

Perguntava Fischner :

«E' indispensável que um pintor continue ocupando-se em pintar quadros no Além, que um médico se preocupe constantemente com os enfermos, que Beethoven sofra ainda sua surdez ?»

Pensam muitos da mesma forma que Fischner e fazem a mesma interrogação, o que demonstra o desconhecimento absoluto da matéria que vêm motejar. E o motejo substitue o estudo.

E' natural que os indivíduos não esqueçam as atividades a que se entregaram na Terra e continuem a cultivá-las, mormente se se trata de matéria científica, artística ou beneficente. Ciência e Arte progridem sempre, e o Espírito progride com elas e por elas. O cientista continua os seus trabalhos no Espaço ; nêles se aprimora e quando volta ao Mundo traz um cabedal maior, e tal seja êle, temos os grandes talentos, os gênios, os beneficiadores da humanidade, com sua aplicação, seus trabalhos, seus inventos. Tais homens causam grande admiração, sem que até hoje se soubesse explicar como lhes surgiu a extraordinária capacidade intelectual.

Da mesma forma com os artistas. Êstes contribuem para a Beleza, para o encanto espiritual. O progresso artístico da humanidade é um aperfeiçoamento ; os que amam a arte detestam a destruição. A arte em sua culminância extinguiria a guerra. O ser evolve em conhecimento, em moral e em arte ; o desenvolvimento artístico proporciona maior felicidade ao Espírito. O artista compreende melhor as belezas da Natureza e está por isto mais apto a admirar a criação e o Criador. A sua arte, desenvolvida, além de lhe proporcionar momentos de enlevo e felicidade, torna-o mais reverente e mais agradecido para com aquêle que arquitetou as maravilhas do Universo.

E' de notar ainda que os pintores ocupando-se de pintar, venham com sua pintura dar uma demonstração de identidade e portanto da imortalidade da alma. Têm portanto mais essas vantagens os pintores que ainda no Além se ocupam em pinturas.

Os médicos que tratam de enfêrmos prosseguem sua obra meritória e muitas vêzes resgatam, na sua operosidade no Espaço, nesse santo mister de aliviar o padecente, as omissões cometidas em vida ou mesmo a descaridade praticada.

Por maneira que aquilo que pareceu ao filosofo um chiste, ou o lança como tal, é fonte de merecimento, e aquela preocupação constante servirá para que êle suba aos páramos da espiritualidade, como sucede entre nós, viventes, aos que se dedicam ao amor do próximo.

O que é menos certo é que Be-

thoven continuasse sofrendo de surdez. Aí é que Fischner se engana de forma assustadora.

A surdez é um mal terreno, doença física como outros tantos males. E os Espíritos só os conservam no Espaço, como se ainda tivessem seus corpos somáticos, quando, por sua inferiodade, por suas ruins ações, dêles, dos males, não se podem libertar. A sua permanência é pois uma penalidade, a qual porém não se prolonga além de uma época necessária. Não é possível porém, nem seria curial, que o grande Maestro continuasse surdo. Ninguém mantém os seus defeitos, a não ser por prova. Não é de crer que a prova do genial compositor continuasse além-túmulo. Espírito devedor, tinha na terra, não só a surdez, senão que ainda experimentava dores físicas e morais. Beethoven era um sofredor, e êsse sofrimento era a remissão de dívidas anteriores.

Remiu-as. Expungiu-as numa vida de arte, de bem-fazer, de lutas e de sofrimentos profundos. Nada leva a crer que continuasse surdo. Espírito de escol, deve ouvir hoje, certamente, muito mais, do que aquêles cuja surdez mental lhes não permite compreender o que se passa na vida espiritual.

Uma Questão Agrícola

Ou Um Caso de Bananas

Como o meu distinto colega, o prezado jornalista Rubens Silva, trouxesse para exemplo da inexistência de Espíritos um caso negativo da coleção Silva Melo, apresentei eu o do viajante que declarou não havia chuvas na Argentina, porque passara alguns dias em Buenos Aires e vira o céu sempre claro.

Rubens contrapõe a êste, outro exemplo;

> «O amigo coloca no porão uma barrica de bananas para amadurecer. Passado certo tempo, Silva Melo vai examinar as bananas. Tira a primeira camada: tôdas podres. Tira a segunda: tôdas podres. Tira a terceira: tôdas podres. Enfia a mão e traz uma amostra das camadas mais profundas: tôdas igualmente podres.
>
> «Então aparece o amigo e proclama: Já agora tôdas as bananas que ficam na barrica estão boas, e Silva Melo não examinou essas outras. Só as que êle examinou é que estão podres. Portanto, as bananas restantes devem estar salvas».

Por uns tantos trechos do apreciado cronista, e esta engenhosa comparação é um dêles, verifiquei, confessando aliás que muito lhe admirava os escritos, ser o amigo profundo desconhecedor da matéria, que afrontava com tanta galhardia. E diz-nos êle em outro texto:

> «Afirmar que o Visconde desconhece grego pode ser verdadeiro, mas não deixa de ser uma temeridade... Então só foi aprioristicamente que o distinto amigo julgou ser o Visconde um ignorante».

O Visconde era êle.

Eu não julguei isso. Nem sei mesmo até onde vai o grego do meu nobre amigo. Fiquei na Metapsíquica. É esta o que o cronista desconhece. Mas vamos às bananas e ao grego.

O caso negativo foi o seguinte, conforme nos diz Rubens:

> «Há aquela história do corifeu do Espiritismo, que tendo deixado uma mensagem ao morrer e tendo depois baixado nos mais importantes centros espíritas do mundo para revelá-la, não foi capaz de dizer o que a mensagem continha verdadeiramente...»

Aqui temos a primeira camada de bananas. Vamos a ela, enquanto não aparecem as outras. Houve um Espírito que não pôde revelar as mensagens!

Lembremos desde logo que a reportagem deveria ter sido formidável. Existiu alguém, ou talvez mesmo uma equipe organizada, que andou percorrendo «os centros mais importantes do mundo». E foi em todos aquêles que baixou o corifeu para não dizer nada!

Muito para admirar é a vidência, não sabemos se do Dr. Melo, se do meu amigo Rubens ou dos sessionários, que logo verificaram tratar-se do corifeu em

questão. E mais admirável ainda é o conhecimento que todos possuem do que anda pelo Espaço e de tôda a engrenagem comunicativa post-mortem.

Ninguém se admirará que o indivíduo que prometeu enviar cartas da África se embrenhe pelo interior africano e não possa dar notícias de si; ou que aquêle que víajou para o Polo fique interceptado por uma barreira de gêlo. Pois no Outro Mundo o caso deve ser simplíssimo. E muito diferente: É chegar lá, desarrumar as malas, sacar a carta e vir aos centros espíritas do Mundo declarar: — Cá está ela e cá estou eu; foi isto o que eu disse...

Nada de abalos, nem o trauma da morte, nem o «sono» de que falam os Espíritos, nem o tempo de ambientar-se, nem as dificuldades em que muitos se acham de comunicar-se. Nada disto! Passou o sujeito para lá, e começam as facilidades. Nem existem mistificadores no Além. Ou não devem existir, conforme sabem êsses nossos amigos, porque, desencarna o camarada, e logo se torna a encarnação de tôdas as virtudes. E' o que pensam ou admitem. Por maneira que só o corifeu poderia andar bordejando pelos centros espíritas importantes do mundo inteiro. E como não pôde pestanejar sôbre a mensagem, claro está que não há mensagens, não há comunicações, não há corifeus, não há Espíritos, não há nada! Todo o espiritualismo vem abaixo na falência daquela comunicação. Aquela ovelha desmoralizou o rebanho.

Todos os demais corifeus que se comunicaram fora do tal, tôdas as demais comunicações que enxameiam os arquivos do Psiquismo, tôdas as demais provas existentes desde os primórdios da vida humana até as exibidas nos laboratórios, passaram, dada a terrível experiência negativa, a fazer parte da infeliz barrica de onde emergiam as bananas podres que o Dr. Silva Melo ia retirando, para embasbacar os espíritas e desmoralizar os espíritos. Dir-se-ia que com aquela barrica fatal ficou empestado o mercado das experiências psíquicas.

* * *

E' impossível percorrer essa vertiginosa escala que vai do folclore, dos relatos populares, da vox populi, aos fatos históricos, desde os mais recuados tempos aos fatos modernos, devidamente registrados e comprovados.

Colhamos alguns para mostrar que nem todos os corifeus têm a mesma falta de sorte. E veremos, do mesmo passo, como foi infeliz a barricada armada pelo nosso amigo para defender, por trás dela, as provas negativas do distinto acadêmico, o Professor Silva Melo.

Conan Doyle, por exemplo, veio dizer onde se encontrava um cheque.

As comunicações com o Além não são tão simples e fáceis como poderiamos supor ou supõem por palpite os que acreditam estar senhores da mecânica astral. Se essas comunicações se tornam difíceis, senão impossíveis, em determinadas circunstâncias, no solo em que pisamos, imagine-se em se tratando de planos inteiramente diferentes e através de psiquismos diversos, tendo o Espìrito comunicante de servir-se de aparelho estranho, que muitas vêzes não sabe manejar.

Entretanto, existem inúmeras provas dessa comunicação, apesar de todos os óbices, as quais tornam inteiramente apagada a imagem frutiforme do nosso amigo. Senão vejamos, *à vol d'oiseau,* alguns casos em que o morto vem cumprir o que prometeu, ou dar esclarecimentos, o que o mal aventurado corifeu não pôde fazer. Assim, conta-nos Glanville, em *Sadducismus Triumphatus:*

Estipularam o Major Sydenham e o Capitão Dyke que aquêle que morresse primeiro se manifestaria ao outro na casa do Major, três dias após a morte.

Morre o Major e Dyke se transporta à casa do falecido no prazo recomendado. E o outro nada! Brilhou pela ausência. Não deu sinal de vida nem de morte. Estava já desiludido o Capitão, quando, seis semanas depois, lhe aparece no quarto, o espírito do Major, dizendo que não lhe fora possível cumprir o contrato conforme o ajuste, e por isso não comparecera na data aprazada, mas vinha assegurar-lhe que estava tão vivo como antes e que a vida continua.

Se não lhe fosse possível a mani-

festação, não tivesse êle a oportunidade que se lhe ensachou seis semanas depois, e haveria outro corifeu deslustrado.

Temos o caso de Lord Brougham. Êste redigira com um amigo um contrato solene pelo qual o que morresse viria dar um sinal ao sobrevivente. E o Lord já não se lembrava mais disto, nem tivera mais notícias do amigo, quando, ao sair de um banho, dá com êle a olhá-lo calmamente.

Isto foi na Suécia. Passemos pelo espanto e pelos sustos do Lord. O caso é que, ao chegar êle a Edimburgo, soube que o amigo havia falecido na Índia. A narrativa, com as suas minúcias, encontra-se na obra de Leadbeater — *The Other Side of Life.*

Conta-nos o Dr. F. G. Lee em *Lampejos no Crepúsculo,* um caso idêntico; o Rev. Theodoro Buckley, capelão da Igreja Cristã em Oxford, manifestara-se três dias após a morte a seu amigo Kenneth Mackenzie. Passo pelos pormenores do caso para referir-me a outro de maior vulto, o do Capitão Blomberg, falecido em Martinica. Tinha êle partido da caserna com importantes documentos e não dera mais notícias de si. Estavam em pesquisas, quando êle aparece aos camaradas, anuncia-lhes o seu trespasse, narra como êle se deu, informa sôbre os papeis que levava, dá o seu endereço em Londres e fala ainda nuns direitos de herança sôbre certa propriedade, os quais poderiam ser estabelecidos por documentos que se achavam na gaveta de um móvel, que descreve. Tudo se verificou.

Transcrevo êste fato, embora sumàriamente, pela repercussão que teve; basta dizer que chegou a interessar a rainha Carlota. (Ingram. *Casas Assombradas e Tradições de Família na Grã Bretanha).*

Frederico Myers, o afamado psicólogo inglês, diz-nos em sua obra *Human Personality:*

«Veremos em capítulo seguinte que a promessa de um amigo ao outro de aparecerem, se possível, após a morte, está longe de ser um simples e inútil negócio de sentimento...

«Experiências dêsse gênero foram feitas, com efeito, e com grande êxito».

E segue-se o capítulo com as experiências no gênero. (1)

Edmond Gurney «*Whose work was one of the mainstays of the S. P. R.*», essa pedra angular da Sociedade Inglêsa de Pesquisas, dizia-se empolgado pelas informações que teve a respeito dêsses compromissos para o após a morte. Considerando-se—dizia êle—o pequeno número de pessoas que tomam tais compromissos e o seu resultado, é difícil resistir à conclusão de que o fato possui certa eficácia. (Myers, obra citada).

A obra *Phantasms of the Living,* de Gurney, Myers e Podmore, cita doze casos.

* * *

Quem conhece o que se chama em Psiquismo a *lucidez,* capítulo a que Richet deu o nome de criptestesia, sabe que é comum ler um «sensitivo» o que se acha em envelopes fechados, em livros numa estante, em cartas, em gavetas... Celebrizaram-se nêsse gênero, Stéphan Ossowiecki, Reese, Ludwig Kahn, e às suas experiências não foram estranhos vultos como Sarah Bernard, Edson e outros.

Devem ser fenômenos anímicos devidos à exteriorização do Espírito. O fato nada tem de espantoso; pode ser êle proveniente de vivos ou de mortos; a independência e os poderes da alma do encarnado são caminhos para compreender-se a ação do defunto. Se ao vivo, em dadas circuntâncias, é possível o fenômeno de desvendar o que está oculto, pela independência parcial do Espírito, muito maiores serão as faculdades dêsse Espírito quando êle se acha em independência completa ou completamente separado dos orgãos que o manietam.

Casos há, entretanto, em que é patente a ação do morto, e êsses se não podem confundir com os fenômenos anímicos, isto é, provenientes do vivo.

Um sr. John Harford prometeu a

(1) A Myers refere-se a **Enciclopédia** como «a leading mind in psichical research, founder of a cosmic philosophy which may yet revolutionise scientific thought, a profound scholar, a poet of distinction and a brilliant psychologist.

— Um condutor nas pesquisas psíquicas, fundador de uma filosofia cósmica que pode revolucionar o pensamento científico, escolar profundo, poeta distinto, psicólogo brilhante».

seu amigo Happerfield que velaria por sua viúva, se êle viesse a falecer. O amigo morreu e êle transferiu o encargo a um sobrinho. Certa manhã, porém, apareceu-lhe o amigo defunto, que lhe diz: — Faltaste à tua promessa; minha mulher é infeliz. — O prometedor descobre que, de fato, a viúva estava em grande penúria. (Richet. *Rev. Met.)*

O Reverendo Stainton Moses recebia psicograficamente mensagens assinadas por Espíritos, e como é de ver, muitas inteiramente contrárias às suas convicções religiosas. Um dêles, revelou, a pedido do psicógrafo, a frase que se achava em determinado livro de determinada estante, livro que êle jamais abrira. E a frase lhe foi transmitida *ipsis litteris.* Aqui é manifesta a intervenção do Espírito.

Vejamos mais alguns episódios colhidos aqui e acolá, a ver como êles se identificam com o barrilete das bananas deterioradas.

O Dr. Moutin assistira à senhora Joubert, que falecera de cólera; antes de morrer pronunciara a palavra *glace* e mostrava um espelho.

O marido, maritimo, sabendo que a mulher guardava o dinheiro, algum tempo depois procurou-o por tôda a parte sem o encontrar. Passados mais quinze mêses, numa sessão espírita, a defunta declarou que os títulos da Cia. Fraissinet estavam ocultos num espelho ainda não investigado. Deram-se buscas no referido espelho e os títulos foram achados. *(Proc.* P. R. A., 1910, XX).

Efria Bathes vai a uma clarividente inteiramente desconhecida; esta lhe declara que vê o seu falecido irmão e o descreve. O irmão informa que fôra à casa paterna e não vira mais sua coleção de fósseis, o que muito o entristecera. A Sra. Bathes, que ignorava o caso, veio a saber que sua mãe doara os fósseis ao Museu de Bristol. (Richet, *Traité,* 186).

O seguinte caso é do repertório de Myers:

Encontrou-se um homem morto em lugar muito afastado do domicílio; suas vestes estavam cobertas de lama; foram então substituidas por outras, sendo as antigas e sujas atiradas num páteo.

Quando chegou a notícia da morte, uma das filhas perdeu os sentidos. Voltando a si, disse que acabava de ver o pai, com vestes que não eram as suas, e de que deu uma descrição exata, acrescentando que êle lhe revelara também que havia cosido no casaco certa soma de dinheiro, e que essa peça do vestuário ficara com as outras num páteo. Feita a pesquisa, verificou-se a exatidão perfeita do que a moça descrevera, e o dinheiro foi encontrado no paletó.

Myers observa que o fantasma comunicara dois fatos de que um era desconhecido da moça e o outro só êle sabia. *(Human Personality).*

Como se vê, um exemplo de insofismável comunicação do morto.

Vejamos agora uma narrativa do Conselheiro Alexandre Aksakof, cujo valor principal consiste em fazer parte de suas experiências pessoais e ter-se passado com seu amigo e colega de Liceu, o Barão Constantino Korf, conselheiro íntimo de S. M. o Kzar da Rússia.

Falecera em Varsóvia o pai do Barão, o General Paulo Ivanovitch Korff, a 7/4/1867. Sabia-se que fizera um testamento, porém não foi possível encontrá-lo, a despeito da mais afanosa busca. Em julho, a irmã do Barão abre uma carta do Príncipe Wittgenstein, dirigida à viúva, a Sra. Wrangel, onde declarava ter recebido do defunto a comunicação do lugar onde se achava o testamento.

A Sra. Wrangel, que sabia os dissabôres que a ausência do testamento causava ao irmão, José Korff, testamenteiro, dirigiu-se logo para onde êle estava. Lida a carta do Príncipe, verificou-se que o ponto indicado na mensagem mediúnica era precisamente o em que se achava o testamento—a gaveta secreta de um móvel.

Aksakof conseguiu a necessária documentação para a comprovação do fato. *(Animismus und Spiritismus).*

Mais um relato que vou sintetizar escandalosamente em vista dos parcos recursos espaciais a que devo cingir-me. E o escôlho pelas pessoas nele envolvidas, pelo ruido que provocou, pelas proporcões que tomou.

O caso foi publicado por Matthew Fidler, no *The Medium and Daybreak* e pela Sra. D'Esperance, em *Light,* 1905, p. 43. Consta da obra de Bozzano —

A propos de l Introduction à la Métapsychique Humaine, pgs. 194-201.

D'Esperance escrevia cartas, e numa, sem querer, grafou, em grandes caracteres, a palavra Svens Stromberg. Contrariada, inutilizou a folha e continou a correspondência.

Dois mêses depois, o Conselheiro Aksakof, o Professor Boutleroff, Fidler e outros, vieram a casa da Sra. D'Esperance para estudarem o melhor processo de fotografar as materializações. O «guia» Walter havia esclarecido que um Espírito, de nome Stromberg, queria informar os pais de que houvera falecido, parece que no Wisconsin; nascera em Jutland, deixara esposa e filhos; morrera na América.

O caso mereceu pouca atenção, mas, ao revelar-se uma da fotografias, nas experiências preparatórias, notou-se pessoa estranha ao grupo: era um homem de aspeto sereno, contrastando com o rosto da médium, contraido pela luz do magnésio. O guia explicou, em sessão, que a entidade extra era o falecido Stromberg, o qual declarava ter morrido em New Stockholm, — o que fizera o pedido.

Começou a luta para a averiguação. Novos informes do guia diziam que os pais do falecido comunicante moravam em Strom Stocking, em Jemtland.

Fidler escreve ao pastor de Strom pedindo informes: não se conhecia nada a respeito: esmiuçou nas cartas geográficas o New Stockholm e não achou êsse nome em parte alguma; andou por diversas agencias de informações e nada conseguiu. Escreveu a um amigo, o sr. Ohlen, Vice-Consul em Winnepeg, no Canadá, indagando da misteriosa localidade, e o resultado foi o mesmo.

O Pastor de Strom conseguiu informar que só constava dos registros um certo Svens Ersson, que partira para a América. E foi só.

Diante de todo esse insucesso, Fidler achou que tinha sido mistificado, e que o melhor a fazer era não mais voltar ao assunto. Eis, porém que num jornal canadense vê êle um artigo com referencia a New Stockholm. Escreveu imediatamente ao diretor do jornal pedindo esclarecimentos e êste transmitiu o pedido ao escritor do artigo.

Ohlen, que se interessou pela questão, transportou-se para a Suécia e entrou em indagações. Em resumo, e para encurtar vertiginosamente, o que se apurou foi o seguinte:

Svens Ersson, de Strom Stocken, em Jemtland, Suécia, casado com Sara, emigrara para o Canadá e lá tomara o nome de Stromberg, por motivos que foram explicados na narrativa. Comprou terrenos numa região que passou a denominar-se New Stockholm, e por isso não constava dos mapas. O lugar era muito distante de agências postais e por isso a viúva não comunicou o falecimento do marido, o que se apressou a fazer logo que o rumoroso caso, espalhado como ficou, chegou a seus ouvidos. Enfim, tôda a revelação mediúnica, com os pormenores que não pude apresentar, foi desvendada.

E aqui temos um episódio, cujas buscas se arrastaram por um ano, cuja veracidade se descobriu como por acaso, e quando os pesquisadores já estavam desanimados. Nêle foram envolvidos agentes, cônsules, pastores, redatores e diretores de periódicos, escritores, oficiais de registro e pessoas várias, além dos experimentadores já mencionados.

Difícil é imaginar como tudo isso, como todo êsse longo processo de investigação, coroado do maior êxito, entraria no rol dos frutos estragados que se apanham no fundo de uma pipa para mostrar aos improvidos espíritas a sua má colheita.

O que apresentamos é uma simples amostra. A literatura sôbre o assunto é vastíssima. Nesse caso especial da volta do morto para fazer revelações, ou retificar atos seus, ou cumprir promessas, e fatos correlatos, encontraremos nos anais do Psiquismo um vasto manancial. Para não irmos muito longe limitar-nos-emos a alguns trabalhos de língua inglêsa:

Dr. Andrew Lang — *Dreams and Ghosts Glimpses;* Glanville — *Saduscismus Triumphatus;* Dr. F. G. Lee — *Glimpses of the Supernatural; Glimpses in the Twilight;* Mrs. Crowe — *The Seeress; The Night Side of Nature;* A. E. Whitehead — *Dealings with the Dead;* Dr. Edward Binns — *Anatomy of Sleep;* Lady Morgan — *Book of Boudoir;* J. A. Ingrand — *The Hounted Homes and fa-*

mily traditions of Great Britain; Nathaniel Wraxall — *Historical Memories of my own time;* Major Moore — *The Hindu Pantheon;* Rev. Caleb C. Colton —*Narrative of the Samofort Ghost, An authentic candid and circumstancial narrative of the astonishing transactions at Stockwell;* Lord Lytton — *A Strange History;* W. Stead — *Real Ghost Histories;* Elisabeth Smiths—*Invisible World;* Dr. Minot J. Savage — *World Amsleés Magazine;* St. Martin — *Aides Invisibles;* Dale Owen — *Footfalls on the Boundary of Another World. And so on.*

Páro nesta listinha. Há por aí alguma coisa mais que as promessas e os contratos. Mas por ela já veremos a que ficará reduzido o caso negativo na frutuosa figura desenhada pelo nosso sempre apreciado patrício Rubens.

Que se console o escritor. Não está só. Se ele apresentou um caso como o do corifeu, Richet apresentou dois. Não importa que as duas mirradas frutinhas desapareçam na imensa floresta dos fatos positivos.

Quandoque bonus dormitat Homerus.

Carlos Imbassahy

Reformas

Domério de Oliveira
Da U. M. E. de Catanduva

O que mais se houve falar, nestes últimos tempos é em reformas... Reforma agrária, reforma urbana, reformas de base, enfim, nunca se apregoou tão veementemente o têrmo reforma.

Acorda, assim, o Homem, que vive divorciado dos ensinamentos de Cristo, de um sono cataléptico, engolfado que está no calabouço das azáfamas materiais.

A Reforma, a verdadeira Reforma, é tão velha quanto à própria humanidade. Há quase dois mil anos, o Meigo Nazareno, já proclamava :

> «Bemaventurados os limpos de coração, porque verão a Deus» — S. Mateus — Caps. 5, 6 e 7).

Estas palavras encerram a grande filosofia de vida que foi seguida de perto, pelos Luminares da Humanidade. Ser «limpo de coração», eis a mais bela Reforma preconizada por Jesus No bôjo desta, estão contidas as demais reformas alardeadas. Porque, se os Homens sequissem Aquêle Ensinamento de Cristo e tivessem imaculados os corações, por certo, viveríamos numa atmosfera de amor e fraternidade. A vero Reforma é a transformação subjetiva da criatura humana. Tudo o mais será acréscimo, corolário àquela primeira. Não valem os títulos pomposos, encimando manchetes retumbantes, quando o Homem, ainda, infelizmente, continua o mesmo — «o troglodita de colarinho branco». É preciso que as fôrças do Bem, de tôdas as alas religiosas, se congreguem, num trabalho dinâmico, para despertarem o Homem, que vive entorpecido, pelas coisas da matéria. Burilemos o Homem, encaminhando-o na alameda luminosa da espiritualidade e o mundo viverá dias melhores e mais felizes. Caso contrário, é trocar de «Continente», enquanto o «Conteúdo» continua sempre o mesmo, turvado pelos vícios do egocentrismo, pelas paixões rasteiras e mesquinhas. O ponto capital é ter o Homem — «o coração puro». Porque, quem chega a esta altura, por certo, já se libertou e quererá para si, apenas, o indispensável para a sua mantença e em vivendo, assim, abrirá mãos do que

não precisa em benefício dos Irmãos menos afortunados.

O Homem é mero usuário dos bens que Deus lhe concede, para a romagem terrena. Por que tanto egoísmo, tanta ambição, se tudo que Deus lhe dá constitui um empréstimo e, mais cedo ou mais tarde, de regresso à Pátria de origem, tudo fica para trás?

Sentissem os Homens esta realidade e a vida, em todos os quadrantes do Mundo, seria mais arejada, mais humana e mais feliz e as Reformas sob o aspecto de encíclicas, estatutos ou códigos, nada mais seriam que a simples concretização dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Não pode o Sêr Humano perder de vista as palavras cintilantes de Giovani Luzzi: —

> «A vida é para o dever, para a educação do caráter, para o nosso contínuo melhoramento moral, para a progressiva preparação do nosso eu, de nossa personalidade, para a existência mais pura, mais ampla, sempre ascendente rumo à perfeição que está em Deus. Compreendida, assim, a vida é bela, é digna de ser vivida, até mesmo à custa de muito sofrer».

Atitude Comprometedora

Atitude compremetedora para a mentalidade dos nossos opositores é quando nos interpelam de surpreza, julgando derrubar a nossa tese doutrinária, para que materializemos um espírito de improviso, como prova da fenomenologia espirítica. Mas, produzindo um efeito de fachada, aparentemente sensacional, essa atitude tem sido imitada entre outros desconhecedores do Espiritismo, embora êstes não atuassem com a malícia daqueles formuladores sistemáticos.

Repto dessa natureza teriam feito ao médium Arigó, no seu interrogatório perante a justiça.

No entanto primeiramente teremos que entre as atividades mediúnicas de Arigó não estaria incluza a ectoplasmia, da classificação de Richet, como seria o caso da materialização de espíritos. Mas, mesmo nesta hipótese, êsse fato mediúnico, tratando-se de um fenômeno não habitual de natureza «extra física», a concretização de um espírito não se daria assim de ordinário, quando bem desejasse o próprio médium, para satisfazer sob qualquer condição, essa exigência momentânea.

Se um fenômeno da natureza, tal seja a materialização de um espírito, deixasse de existir por não o termos de ordinário a qualquer instante nas mãos, conforme nos pedem, neste caso haveria uma série de conceitos científicos fundamentais, que também deixariam de existir para êsses nossos opositores. Um exemplo é o átomo. Hoje ninguém de bom senso contesta a sua realidade. Entretanto, se algém usar êsse mesmo raciocínio dos nossos interpelantes, desafiando os cientistas para lhe mostrarem um átomo, tal como os concebem na natureza, jamais seria atendido, porque nem os próprios pesquisadores até hoje conseguiram alguma vez tatear, visualizar ou fotografar um sistema atômico. A julgar pelos nossos interpeladores então seria o caso de se negar a existência do átomo, porque se o espírito não existiria por não podermos materializá-lo a qualquer instante, o mesmo se diria dessa partícula atômica, que não se mostra nem mesmo dentro dos laboratórios.

Logo, com tal raciocínio, — mostre-me um espírito neste momento como prova da fenômenologia espirítica —, nem mesmo os mais nobres sábios poderiam também, com relação às ver-

dades básicas do Universo, fundamentadas nos laboratórios, satisfazer essa vontade precipitada dêsses interpeladores.

Sem dúvida, quem se aventura a um pedido dessa natureza, ainda as vêzes todo empolado como nos arremessam, poderá produzir efeito entre os leigos, mas não diante da classe distinta dos intelectuais. Como já dissemos, tal atitude, que teria repulsa dos nobres sábios, se a êles assim se dirigissem a interpelação, poderá por em dúvida o bom senso de quem assim procede.

Contudo, ainda que em relação ao átomo, embora se trate de uma realidade, jamais se poderia atender essa vontade dos nossos interpeladores, relativamente com o espírito, se bem que não seja de ordinário como nos pedem, essa exigência já de há muito tempo vem sendo atendida nos laboratórios.

É assim que depois de Allan Kardec ter codificado a doutrina revelada pelos Espíritos, em meados do século passado, grandes sábios, como Crookes, Richet, Delanne e tantos outros de capacidade e idoneidade irrefutáveis, logo a seguir obtiveram tal sucesso nos laboratórios, onde fantasmas de mortos foram vistos, tateados, fotografados e até examinados sob prova química. E não se julgue termos apenas pesquisadores do passado para apontar, conforme costumam bater nessa tecla alguns dos nossos adversários descuidados, acusando-nos de que apenas nos defendemos com gente não mais presentes na época atual. Embora a honrosa documentação dos grandes vultos da ciência, registrada cientìficamente nos laboratórios, jamais se apague com a morte dos seus realizadores, ainda hoje, em plena atualidade, célebres cientistas continuam repetindo êsses mesmos sucessos sob rigor experimental, cujas observações agora vem se divulgando nas grandes Universidades dos países mais adiantados, sob a nova denominação de Parapsicologia.

Ali mesmo, na Universidade Duke, dos E E. U U., está um dos maiores pesquisadores atuais, o Prof. J. B. Rhine, lider máximo na divulgação dessa nova cátedra. Para se compreender, a que ponto já chegaram as suas investigações, no setor onde se estuda a tese da fenomenologia espirítica, basta conhecer, em certo trecho do seu livro — The Reach of the Mind —, apenas estas suas declarações : — «... a natureza do homem implica existência da alma. Existe algo de extra-físico ou de espiritual na personalidade humana. A hipótese da alma ficou demonstrada». Depois dêste livro, ainda publicou outro — The New World of Mente —, onde o abalisado sábio se define francamente favorável à tese espírita.

Na Inglaterra, o não menos famoso Prof. Pricce, da Universidade Oxford, baseado nas suas experimentações parapsicológicas, chegou a declarar, não faz muito tempo, aos principais jornais do nosso país, através da United Press, que «... nem tôdas as aparições são fantasmas de pessoas mortas, por isso prefiro evitar o têrmo —espírito—...» Nessas poucas palavras já não mais se pode negar a tese espírita nas pesquisas do ilustre sábio que, atualmente, a exemplo do seu colega Rhine, já se declarou favorável ao conceito da sobrevivência da alma.

Também, o Prof. Haraldur Nielson, da Universidade da Islândia, no seu livro—Minhas Experiências Pessoais Sôbre Espiritualismo —, em certo trêcho declara : — «A maioria dos investigadores psíquicos começou suas experiências como céticos, ou mesmo como adversários do Espiritismo. Entretanto, os que estudaram verdadeiramente o problema, não em algumas semanas ou alguns mêses, mas através de uma série de anos, convenceram-se todos da realidade dos fenômenos, e muitos dêles da possibilidade de entrarmos em comunicação com sêres inteligentes de um mundo para nós desconhecido, e particularmente com os nossos mortos queridos».

Veja-se aí, nessa advertência, a questão não é assim de momentos e onde bem se entende, como nos pedem nossos opositores.

Aqui no nosso país, embora não são poucos os testemunhos ilustres favoráveis à fenomenologia espirítica, se bem que ainda esteja lamentàvelmente faltando a cátedra da Parapsicologia nas nossas Universidades, citemos apenas êste depoimento do Dr. Lauro Neiva, ex-assistente do Prof. H. Roxo, quando catedrático de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil.

Diz o Dr. Neiva, na literatura — Aconteceu No Outro Mundo — (Rio, 1959), págs. 94 e 105: — «Atualmente, depois de inúmeras observações demoro-me cheio do mais vivo entusiasmo científico nas demonstrações dos fenômenos de materializações. Acho-me atraído, irresistìvelmente, pelo trabalho dos mortos...»

Como se vê, apesar dos nossos opositores ideiar uma fórmula sistemática, supondo-a absoluta, para surpreender sem apêlo os espíritas, com a exagerada interpelação—mostre-me um espírito neste momento como prova da fenomenologia espirítica —, ainda assim, o rigor da exigência, embora descabido, relativamente se satisfaz com a aparição de fantasmas nos laboratórios. E não há de se negar o fato, porque se acreditamos nos homens de ciência, sôbre a realidade atômica, sem nos darem qualquer prova tátil, visual ou fotográfica, dessa partícula esguia até mesmo nos laboratórios, com mais razão haveremos de acreditar quando êsses mesmos homens nos afirmam sôbre a realidade do espírito, com todo êsse cortêjo de provas concretas. Que não se acredite nos espíritas passa, porque a isso ninguém é obrigado. Mas negar o testemunho dos sábios, tal atitude é comprometedora, sòmente concebível aos indivíduos carentes de cultura intelectiva.

Se bem que o tema aí exposto já terá sido o suficiente para demonstrar a inconsistência dessa astuta estratégia evocada pelos nossos opositores em geral, ainda assim poderemos ir mais longe, fazendo-os recuar para mais além, os da oposição materialista, se invertermos a interpelação. Pois gostariamos agora de saber se da parte dêles estão em condições de nos darem a prova concreta da materialidade, apontando-nos com fatos e não com perorações verbais, onde estaria na composição das células cerebrais a causa orgânica, da atividade mental, responsável pela nossa vida inteligente.

Disto cuidaremos tão logo nos surja oportunidade.

V. O. Casella
Av. Barroso, 378 — Araraquara — SP

Ainda o Caso Edgard Cayce

Francisco Klörs Werneck — Rio de Janeiro

Sob o título de «Uma obra esperada», tive ocasião de ler no n.º de Janeiro-Fevereiro de 1962 de *La Revue Spirite*, de Paris, França, a seguinte notícia: «As Editions Adyar vão publicar brevemente um livro que descreve e analisa minuciosamente a extraordinária clarividência de Edgar Cayce, falecido a 3 de Janeiro de 1945. O título é um versículo do Evangelho: «Há muitas moradas na casa de meu Pai» e a autora Gina Cerminara, uma filósofa dos Estados Unidos da América. Na excelente e brilhante versão francêsa de Sasia Erlich, vê-se um fotógrafo aldeião, debaixo de sono hipnótico, tornar-se um médico de gênio, utilizando todos os conhecimentos médicos presentes, passados e mesmo ainda desconhecidos. E capaz, também, nas «leituras de vidas», de descrever as *vidas anteriores* daqueles que o consultavam. Conservam-se, em Virginia Beach, na Virginia, onde Cayce morava, dezenas de milhares de *dossiers* sôbre os casos tratados, com tôdas as palavras pronunciadas por Cayce durante os seus sonos, devidamente estenografadas. Existe uma Fundação Edgar Cayce onde médicos, filósoficos e psicólogos do mundo inteiro estudam ditos *dossiers*, sendo o caso Edgar Cayce considerado como o mais puro, o menos discutível, o mais espantoso de todos os casos de clarividência. Com base nas «leituras de vidas» de Cayce, a autora faz uma análise muito cerrada das retribuições cármicas e tira, da vasta pilha de documentos que esteve à sua disposição, uma série de linhas de conduta, que não são o menor interêsse da obra, ilustradas que foram por milhares de exemplos probatórios».

A obra em questão tem, no original americano, o título de *Many Mansions,* e foi editada em New York por William Sloane Associates. A versão francêsa, aparecida ainda no ano de 1962, leva o título de *De nombreuses demeures...* (Muitas moradas) e foi feita pela 10.ª edição em inglês, do ano de 1957. Trata-se de uma obra que traz valiosa contribuição em favor da reencarnação, como provam essas «leituras de vidas», leituras de vidas passadas em muitos casos.

Cayce só conhecia a Bíblia. Ficou estupefato quando soube que. nas suas «leituras», fizera referências às vidas anteriores dos seus consulentes, pois nada conhecia sôbre a reencarnação.

São de notável interêsse os seus seguintes capítulos: III — Resposta aos enigmas da vida; IV—Alguns tipos de cárma físico; VII — Cárma suspenso; VIII—O cárma e os problemas da saúde; XII—As anomalias mentais e suas origens nas vidas anteriores; XVIII — Complicações familiais de ordem cármica e XIX — A habilidade profissional tem suas origens nas vidas passadas.

Que é Cárma? A palavra Cárma, do sânscrito Karma, significa Ação. É a lei divina de justiça imanente, segundo a qual todo o homem deve suportar inevitàvelmente as conseqüências de suas próprias faltas, a ninguém podendo transferir sua responsabilidade.

Quem era Edgar Cayce e como ficou conhecido? Nasceu em 1877 perto de Hopkinsville, no Kentucky, sendo seus pais lavradores sem instrução. Como a vida na fazenda não tivesse atrativos para êle, foi para a cidade e trabalhou primeiro para uma livraria e depois como agente de seguros. Na idade de 21 anos sua vida se modificou devido a uma laringite que lhe fez perder quase o uso da voz, e nenhum médico o curou. Fez-se então fotógrafo, que não precisava quase falar. Certo dia um hipnotizador ambulante de nome Hart deu uma representação no teatro local e, sabedor da enfermidade de Cayce, prontificou-se a tentar sua cura pelo hipnotismo. Hipnotizado, Cayce falava normalmente. Quando voltava a si, continuava no mesmo. Não obteve resultado satisfatório nem mesmo com a sugestão hipnótica de despertar curado.

Hart não pôde continuar suas experiências com êle e um certo Layne, morador da localidade, prosseguiu no caso com bastante interêsse. Layne havia estudado sugestão e osteopatia e possuía bons dotes de hipnotizador. Sugeriu a Cayce, sob hipnóse, que descrevesse a natureza de seu mal e êle, com a sua voz normal, declarou qual o estado de suas cordas vocais. Tratava-se de um estado psicológico produzindo um efeito físico. Para se libertar dêle, era preciso ativar, pela sugestão, a circulação das partes enfêrmas enquanto o paciente estivesse inconsciente. Assim se fêz e Cayce ficou curado.

Layne, que já algum tempo sofria do estômago, fez a experiência em si mesmo e obteve resultado satisfatório. Cayce ficou perplexo e Layne entusiasmado e já impaciente por aliviar ou curar outros doentes.

Layne começou desde então a estenografar o que Cayce dizia debaixo da hipnóse e deu a essas transcrições o nome de *readings* (leituras), que eram feitas tanto durante o dia como à noite.

Com o desenvolvimento das faculdades de Cayce, já não precisava êste da presença dos pacientes e também de hipnotização. Cayce se limitava a deitar-se em um leito qualquer e, por simples sugestão hipnótica, se punha a falar, fazendo diagnósticos médicos, prescrevendo remédios, alguns ainda não à venda e mesmo desconhecidos, e narrando existências preteritas dos consulentes, geralmente distantes e ignorados.

Foi em 1942 com a publicação da biografia de Cayce em *There is a river,* de Thomaz Sugrue, seguida de um artigo no n.º de Setembro de 1943 na revista *Coronet,* intitulado «O Homem milagre de Virginia Beach» que o fenômeno Edgar Cayce ficou conhecido da nação inteira, seguindo-se um verdadeiro dilúvio de cartas de todas as partes.

Ele desencarnou a 3 de Janeiro de 1945 mas o seu nome ficou na memória do povo pelos muitos benefícios que lhe fêz, como no exemplo que daremos abaixo.

O que mais surpreendia nos diagnósticos que Cayce fazia é que eram formulados em têrmos exatos de anatomia ou de fisiologia. Ora, Cayce, no estado normal, não conhecia nada de Medicina e nunca abrira um livro sô-

bre o assunto. E o que lhe surpreendia é que as pessoas se declaravam aliviadas pelo que êle lhes mandava fazer. O caso de Layne não o convencera. Achava que a imaginação de Layne é que o fazia sentir-se melhor. O seu próprio caso, êle achava que não fôra por imaginação, mas um feliz acaso. Todas essas dúvidas, que o assaltavam nos primeiros anos das «leituras», acabaram por se dissipar quando se deram curas de casos declarados incuráveis.

Certo dia êle foi chamado ao telefone pelo antigo inspetor escolar de Hopkinsville cuja filha de 5 anos estava doente há 3 anos. Tivera uma gripe aos 2 anos e ficara depois mentalmente retardada. Numerosos especialistas foram consultados e, como a enfêrma passara a ter convulsões, o último dêles afirmara que se tratava de uma afecção mental cujo resultado só poderia ser fatal.

Emocionado pela descrição que lhe fizeram, Cayce partiu para lá. Quando a criança anormal lhe foi apresentada, êle considerou a sua enorme presunção. Êle, o filho ignorante de um lavrador e que não sabia uma palavra de Medicina, ia tentar a cura de uma criança pela qual os grandes especialistas do país nada puderam fazer! Foi, tremendo, que se estendeu no divã da casa e adormeceu, não cessando de duvidar de si mesmo durante o sono hipnótico, mas Layne estava lá e lhe deu a sugestão necessária, transcrevendo a seguir o que Cayce dizia.

Com a mesma calma, a mesma segurança tranqüila de que fêz prova durante suas anteriores «leituras», passou a descrever o estado da criança. Declarou que, justamente antes da gripe, ela caira de uma carruagem e que o virus gripal se localizara na região machucada pelo acidente, que era o que provocava as convulsões, que uma intervenção osteopática apropriada diminuiria as pressões e a levaria ao seu estado normal. A mãe confirmou o fato da queda da carruagem, mas, como não notara nenhuma ferida, não lhe ocorrera que o acidente tivesse relação com o estado da filha.

Layne fez o tratamento de acôrdo com as indicações da «leitura» e, em três semanas, a menina deixou de ter convulsões, seu estado mental melhorou visìvelmente e, depois de três mêses, os pais reconhecidos foram anunciar que sua filhinha estava absolutamente normal e recuperava a grandes passos o tempo perdido nos sombrios anos precedentes.

Esta é uma pequena amostra das muitas curas feitas por Edgard Cayce.

Suprema Violência

Por FERNANDO CAMPOS FERREIRA DA CUNHA

CONFORME noticiou a imprensa espírita brasileira, acaba o govêrno português de dispôr, a seu bel-prazer, do valioso patrimônio da Federação Espírita Portuguêsa.

São êsses bens constituidos por um enorme e bem construido prédio na Avenida Almirante Reis, em Lisboa, e outro na Avenida Álvares Cabral, no Pôrto, além das respectivas bibliotécas e demais recheio, encontrando-se naquelas algumas raridades bibliográficas de grande valor intelectual e espiritual.

Apesar de se tratar de medida arbitrária, ilegal, e, portanto, a todos os títulos reprovável, não fomos por ela surpreendido, pois tudo é de esperar do regime que há tantos anos reprime a liberdade em Portugal. É sobejamente sabido que há mais de trinta anos não há no país liberdade de expressão de pensamento, e isto em todos os campos do conhecimento e atividades humanas, a menos tenha ela o beneplácito oficial, única forma de se poder expressar sem correr gravíssimos riscos.

Em matéria religiosa, não constitui novidade para ninguém a alta proteção do Estado à Igreja dominante, por vêzes com elevados prejuizos para os

demais sistemas religiosos, que pela Constituição Política da Nação também deviam ter um lugar ao sol, pois embora lhes seja agradável dispensar os favores do regime, reclamam no entanto, devidamente verticalizados, os direitos que a Lei lhes confere, afim de não existirem por favor ou misericórdia fingida. Em compensação, é o Estado incondicionalmente apoiado pela Igreja, mesmo sabendo ela muitíssimo bem das repressões, por vezes desumanas, com que o regime mimoseia aquêles que reclamam ou fazem uso dos seus direitos mais sagrados, em contradição flagrante e muito lamentável com os princípios espirituais que diz esposar.

Tudo começou em 1951, quando a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Pôrto, após mais de 20 anos de atividades espirituais e científicas, teve seu Alvará de funcionamento cassado, simplesmente porque uma Comissão Técnica (que nada compreendia de Espiritismo), a pedido do Govêrno, deu Parecer que a Entidade não dispunha de condições científicas para fazer investigações metapsíquicas, e isto apesar da referida Comissão não ter procurado sequer saber em que condições trabalhava a mesma Sociedade. Se não procuraram saber os métodos ali aplicados para obtenção e observação da fenomenologia espiritoide, como pronunciar-se sôbre suas condições de trabalho? Das duas uma: ou imperou a ignorância ou a má fé, sendo de admitir que um pouco de cada uma destas qualidades negativas tenham originado o citado Parecer. Tanto assim, que apesar da Sociedade ter contestado o mesmo, em longa e bem fundamentada exposição dirigida ao Ministério da Educação Nacional, jamais obteve qualquer resposta. Verbalmente, apenas verbalmente, foi respondido extra oficialmente, que S. Ex.ª o Ministro não estava na disposição de revogar seu despacho.

Em face da manifesta intenção do Ministro em fazer cessar para sempre as atividades da S. P. I. P., entendeu sua diretoria ser conveniente proceder o mais ràpidamente possível à sua dissolução, passando todos os seus bens, graciosamente, para a Federação Espírita Portuguêsa, afim da mesma poder continuar a utilizá-los na divulgação do Espiritismo em Portugal, que tão valiosos frutos já tinha originado, atraindo para a Nobre Causa alguns grandes vultos da intelectualidade portuguêsa.

Mas não ficou por aqui, como era de esperar, a ação malfazeja do Govêrno, pois em fins de 1953, baseado no mesmo Parecer, mandou proceder ao encerramento de mais 4 centros espíritas e à lacração das portas da Federação Espírita Portuguêsa. Não se conformando esta última com tal arbitrariedade, recorreu a todos os Tribunais do país, mas sem encontrar um único que lhe fizesse JUSTIÇA, o que é muito natural, pois não há possibilidade de num regime ditatorial encontrar qualquer poder livre de injunções políticas ou de qualquer outra espécie, que convenham ao sistema vigente.

Como se tudo isto fôsse pouco, acaba o Ministério do Interior de decretar a entrega de todos os bens da Federação Espírita Portuguêsa, ao Estado, dispondo desta forma daquilo que não lhe pertence, cometendo a derradeira violência da farsa que arrastou durante cêrca de 10 anos, desprezando sempre todos os legítimos direitos que pertenciam à Federação.

É possível que não fique por aquí o abuso do Govêrno para com a F. E. P. e o Espiritismo, mas procedam a um auto de fé com o recheio de suas bibliotécas, numa demonstração de zêlo pelos princípios «cristãos», como sucedeu em Barcelona no século passado, quando para ali foi enviada literatura espírita.

Em que contrastre triste se encontra o querido Portugal. Enquanto nos países mais civilizados e democráticos estão instituindo cadeiras de Parapsicologia nas Universidades, o Govêrno de Salazar espolia as instituições congèneres, após proibição de seu funcionamento, obrigando o povo e o mundo inteiro a assistir a cenas que já há muito deviam pertencer ao passado, por representarem o império do fanatismo, da intolerância, da maldade, do abuso e da hipocrisia.

Mas como apesar de certos recuos, mais aparentes do que reais, a evolução é fato inconteste, esperamos que num futuro próximo venha a raiar em Portugal a JUSTIÇA, LIBERDADE,

IGUALDADE, E RESPEITO PELOS DIREITOS ALHEIOS, voltando assim os bens agora subtraídos, ao seu legítimo dono, podendo desta forma a F. E. P. dar prosseguimento à missão que lhe foi confiada.

Até lá, fiquemos com o patrimônio espiritual, pois êste não poderá ser atingido pelo poderio efêmero dos homens miopes sôbre os direitos alheios e conscienciais, e dos quais nem Deus quer dispôr.

Um Só Rebanho e Um Só Pastor

Doloroso o silêncio que se forma
Entre as almas sensíveis, delicadas,
Quando opostas idéias adotadas,
De conduta lhes dão diversa norma!

Quanto a boa amisade se deforma
Com idéias assim desencontradas!
O que prova que às almas irmanadas
Idêntico ideal é que as conforma.

Quanta razão assiste ao Nazareno,
Ao prescrever, em seu dizer sereno,
Que a humanidade tenha um só Pastor

E como um só rebanho, obediente
Seja à voz guiadora que sòmente
Conduza-a ao Reino Eterno por Amor!

Arnaldo S. Thiago

À falta de humildade, querendo uns aos outros impôr orgulhosamente tôdas as suas convicções, por mais absurdas que sejam, vivem os homens degladiando-se no campo largo das idéias, quase sempre adotadas aprioristicamente, sem a experiência necessária, que só as vicissitudes da existência terrena, suportadas com resignação, podem trazer aos que se transviaram no caminho da vida! E porque da luta das idéias é que nascem as agressões, como sàbiamente predicava o Mestre, ao dizer, conforme se vê em Mat. 15/19, «que do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, fornicações, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias», sempre que tais lutas não sejam inspiradas por uma consciência altamente iluminada pelo amor, degeneram em dissenções e revoltas que separam os homens, cavando entre êles o fôsso das odiosidades que os tornam superlativamente degenerados e infelizes.

A falsa idéia que têm os homens de liberdade, é que os leva a todos os dispautérios e rivalidades. «Liberdade! — disse mui a propósito um sincero republicano — quantos crimes têm sido praticados em teu nome!»

Reconhecemos, contudo, que a tantos e tão graves excessos de dominação, por simples e detestável espírito de tirania, esteve durante séculos submetida a humanidade, que os povos mais desenvolvidos intelectualmente viram-se constrangidos a tomar o caminho das revoltas sangrentas, afim de poderem estabelecer uma organização social mais compatível com a dignidade humana ou menos atentatória dessa dignidade.

Conquistada, porém, essa gloriosa etapa da evolução social; vencido o doloroso estágio das reivindicações suscitadas pelo deflagrar dos ódios que a tirania despertara nas almas, é chegado o tempo de ser aplicada a nossa liberdade na suave conquista de um mundo melhor, no qual possamos viver tranqüilamente, usando dessa mesma liberdade para obedecer conscientemente aos elevados princípios da moral, sôbre os quais deve alicerçar-se a verdadeira Democracia Cristã.

Não discordar, portanto, uns dos outros, senão quando a consciência nos imponha essa discordância como condição de nosso próprio aperfeiçoamento espiritual, imperativo é indispensável à conquista daquêle estágio superior de sociabilidade, para o qual nos convoca, do alto da cruz a que foi cruelmente alçado pela insensatez e pelo orgulho dos seus contemporâneos, aquêle que veio, como bom Pastor, para congregar-nos num só rebanho, para cujo fim aconselhou-nos, iluminado pela Sabedoria Divina que o Pai lhe comunicou: «Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo. Porém o maior dentre vós será o vosso servo». (Mat. 23/10 e 11).

Quanta mágua, por isso, se reflete

em suas palavras, ao perceber o descaso com que assistiam os homens ao desempenho da sua divina missão: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vêzes quís eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e vós não quisestes!» (Mat. 23/37); profetizando em seguida: «Eis que a vossa casa vai ficar deserta; porque eu vos digo que desde agora me não vereis *mais*, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!» (Idem, ibd. 38 e 39).

Que podem significar estas suas últimas palavras: «Não me vereis *mais*, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor?» Porventura bastará pronunciá-las, como fórmula mágica, uma espécie de «abre-te, Sésamo!», para que de novo tenhamos a possibilidade de ver o Mestre, na significação legítima de viver com Êle?

A qualquer espírito medianamente equilibrado e razoável, semelhante ilusão não ocorrerá. Que será então preciso para nos acolhermos sob a égide do Divino Mestre? Certamente adotar os seus princípios, despojar-nos do orgulho e das soberbas pretensões que nos movem às contendas irrefreáveis, restituindo-nos à humildade de que Êle foi constante exemplo, afim de nos identificarmos pela afinidade de sentimentos, pela identidade de aspirações e de objetivos. em nosso trabalho de aprimoramento espiritual, educando-nos uns aos outros pelos exemplos de uma vida honesta e não pela imposição de idéias pretensiosas que não tenham base nos Evangelhos.

PHILEMON

A Vida como Compulsão Reencarnatória

DAVID GROSSVATER

A reencarnação é lei universal em tôdas as coisas e em tôdas as formas e em todos os estratos, níveis e espécies, e é substancial na vida. A mesma Vida, sem seu movimento e mutação não seria Vida, e no Universo tudo é vida. Tudo é reencarnação e desencarnação: ida e retorno, sucessivamente em eterna espiral. A substância se sutiliza, e suas fases são constrangidas a unir-se, associar-se e desassociar-se tão cêdo completem o ciclo. Assim a energia atrai a matéria, aglutina-se e a organiza como forma.

O princípio vital impulsiona a substância em sua condensação e se desfaz dela tão logo caduque o lapso de sua polaridade, para voltar sôbre si em outra jornada. É um titânico e inexorável influxo da mesma vida que junta o grosseiro e o fluídico, vida que é movimento obrigado pelo cinetismo em expansão evolutiva. Ninguém pode evitar sua reencarnação, nem esquivar-se, nem prolongar sua própria polaridade para além do lapso, pois é tangido por sua própria tendência a cumprir com sua intimação; terra e cal, corpo e espírito. A reencarnação é renovação, rejuvenescimento.

Os instintos do sêr, sua natureza procursiva que fermenta seu retorno cinético, o impulsionam a anhelar a volta à tarefa corporal. Como um sitibundo sôbre a areia do deserto, o espírito busca seu encontro com o físico. Cada sêr, por seu lado, tem motivos próprios para voltar à matriz e reencarnar. É uma imposição universalista e inexorável.

No espaço, depois da transição funeral, os espíritos, em têrmo médio, vêem rejuvenescida e revitalizada sua psíque. E tôda a fúria instintiva se lhe reaviva, e todos os desejos que haviam sido calados pela impotência da velhice começam a se fazer sentir com vigor juvenil. As ambições e as lembranças excitam nêles as necessidades orgânicas até a desesperação, e sua satisfação não advém sem o complemento dos orgãos corporais materializados, que possam dar curso e descarregar êsse magnetis-

mo lúbrico em cujo recesso se enquista, mentalizando, a lascívia psíquica que chega até mesmo à obsessão. Em tais extremos os espíritos medíocres e carecentes de reencarnações se encontram transidos de energia libidinosa em todos os seus interstícios dinâmicos, até que, finalmente, irremediavelmente, são atraidos à carne, para a inexorável reencarnação pois só dêste modo podem aplacar suas angústias e satisfazer seus inevitáveis impulsos naturais.

Mas se o fator é imperativo para a reencarnação dos espíritos em têrmo médio, os espíritos mais elevados cifram suas obrigações para reencarnar na base de missões de auxílio e de progresso, um dever que consideram, de dar a mão fraternal aos que lutam por sair do círculo de suas próprias limitações.

Os espíritos sublimados que já têm domínio sôbre o tempo, podem, com seu psíquico, moderar a violência das necessidades biológicas. Mas êsses espíritos superiores são compelidos a reencarnar por outras paixões talvez mais fortes e mais imperativas, paixões do Ideal que vibra nêles, da Ciência, cujas leis afanosamente procuram aplicar, a Fraternidade com a qual desejam abraçar a tôda humanidade, paixões de progresso em cuja aquisição desejam colaborar com os demais idealistas, e até para estar junto dos discípulos que deixaram no planêta. E essa paixão os leva aos laços da reencarnação corporal, onde podem dedicar-se em corpo e alma ao concurso de suas sublimes aspirações, de abnegação e sacrifício.

A esta altura é justo sublinhar que o instinto sempre é o mesmo: veemência que aperta como uma paixão flamígera, mas que se sublima com a eternidade, e ao perder sua grosseria e virulência, se deixa manejar, ao evolucionar com o sêr. Então, em lugar de ser escravizado pelo instinto que faz uso dêle, disfrutam dêle em oportuna satisfação, em acatamento da Lei Universal, que também reside nêle.

Entretanto, outros tossem sua tísica ou se afogam em asma no além-túmulo, e outros mais, com uma série infinita de males em seus espíritos, supuram virus na arquitetura de sua alma, em espera de novas reencarnações, onde, em novos corpos, se reequilibrem, sarem e rehavenham seu cinetismo.

Outros, os que odeiam, encontram em seu ódio para com determinados grupos, ou sêres, o motivo que os escravizam e os impulsionam a se reencarnarem.

Igualmente os que amam e desejam estar ao lado de seus amados, no regaço de seus sêres queridos, só podem lograr sua presença integral reencarnando. E êste é o estímulo que os leva a cooperar em seu renascimento.

Entretanto alguns, ao se verem sem as clássicas necessidades corporais, plasmam em sua mente os dias felizes ou mêses frustrados, disfrutados ou loucamente malversados, com desperdício de sua saúde e de sua juventude, que aspiram retomar em plena existência primaveril. Uma vez rememoradas tantas coisas cuja recapacitação lhes produz prolongadas saudades, buscam irremediàvelmente a Reencarnação, no tempo, vigente ainda, de seus sonhos... que ruminam desesperadamente.

Os avaros, os escravos de estupefacientes e do alcool, que ainda vogam com a mente desvairada em densa esfera, anseiam reencarnar para dispôr de maneiras de aplacar as torturas e opressões que seus morbidos lhes imprimem, em inextinguível sêde, cujo saciamento não pode ser proporcionado na vida do mais-além. Assim, cada caso apresenta sua peculiar condição, em cujo fundo, a Reencarnação sempre é a única solução.

E os vergastados por terríveis arrependimentos, só podem fugir de seus pesadêlos reencarnando para reabilitar-se e reconstruir o que destruiram, semear o que arrancaram.

Muitos espíritos que deixaram interrompidos grandes descobrimentos, ou em estado inconcluso seus extensos princípios filosóficos, ou que em sua precipitação se surpreendem em ver pontos errôneos em suas luminosas obras, voltam a subsanar.

Também aquêles grandes sábios que falharam ao entregar suas obras a mãos de sucessores ou a cargo de discípulos que, com a ausência do mestre interrompem ou tergiversam, ocultam ou malversam suas grandiosas e laboriosas investigações, falhando diante da confiança e a esperança. Que outro recurso lhes fica, senão o de reencarnar

para entrar em posse outra vez, de seus engenhos? E, todos nós, a humanidade inteira, acaso não temos a eternidade por futuro e muito deslize por refazer? Apenas acabamos de sair da animalidade...

Assim como à entrada das chuvas tôda a natureza estremece e a terra se parte ao impulso das sementes que estalam em seu dinamismo, germinando e brotando em seu ciclo de retôrno em exuberância de côres, na quadra primaveril, assim mesmo os espíritos em tôda a escala e de tôdas as espécies são tocados imperiosamente por tôdas as necessidades e se vêem arrastados no torvelinho de novas ilusões, em sucessivos renascimentos.

Uns aparentemente por suas torvas intenções tomam essa via para poder cumprir com seus depravados propósitos. Outros, ao parecer por suas tendências sublimes, têm de renascer para materializar e pôr em obra seus esplendorosos intelectos. Mas no fundo, para uns e outros, existe uma só convocação em seus infinitos aspectos do estado evolutivo.

Assim como na terra, o trabalho prolongado, ao cansar a estrutura impõe o repouso, no espaço a prolongada estadia comprime a anatomia espiritual em alta tensão instintiva e a ascendente pressão, explosiva e incandescente, impõe a Reencarnação inexorável. O dinamismo divino inerente a tudo, é movimento e trepidação que arrasta e não dá oportunidade à inércia e ao acantonamento.

Monjas e padres, asceta ou celibatários destroçam seu automatismo genesícos pois que torcem as leis da natureza ao inverter e congestionar as cargas magnéticas de inevitável libidinosidade, e se desequilibram em sua psique cinético-espiritual. Suas consequências as vemos quando reencarnam nessa dolorosa condição de sêres tergiversados, com sensações desviados, em indecifrável angústia de fases indecisas e ambíguas, sem definições precisas, já que em seu plasma biológico trepidam, ao mesmo tempo, projeções de ambos os extremos.

Também em casos de plena neutralidade, de uma extrema insensibílidade sensual, na total ausência de estímulos na vida sexual, ainda quando as formas existem como um caso aparente, mas sem função, como um motor elétrico sem corrente, que mostra pateticamente o estado amodorrado e sêco como um atrofiamento e desequilíbrio em inércia, como uma enfermidade claramente catalogável do próprio espiritual. E' consequência de prolongadas vivência em monastérios, com suas glândulas supra-físicas lesadas nas reentrâncias do ego espiritual. Assim mesmo se manifesta como pessoa biológica radicalmente apática em seu envoltório físico, como castrado em espírito. Eis aqui uma coordenação destruída pelo fanatismo que responde por essas graves deficiências, mas que se reequilibrarão no decurso das Vidas Sucessívas.

(Transcrito de C.I.M.A., de Maracay, Venezuela)

SEXTO CONGRESSO ESPÍRITA PAN AMERICANO

A Realizar-se em Buenos Aires do Dia 5 a 12 de Outubro de 1963

TEMÁRIO

1.ª Sessão: Propaganda e Difusão

1 — Como introduzir a idéia espírita no seio do povo.

2 — Quais são os melhores métodos de propaganda espírita no momento atual.

3 — Contribuição do Espiritismo ao problema da educação.

4 — Contribuição do Espiritismo ao problema da juventude rebelde e da delinqüência juvenil.

2.ª Sessão: Organização e Desenvolvimento

5 — Organização dos centros espíritas em forma metódica de estudo.

6 — Relações com o mundo invisível.

7 — Existe atualmente contacto entre os espíritas organizados e o mundo espiritual?

8 — Que influências predominam nos centros espíritas: A de Espíritos de luz ou a de Espíritos em êrro?

3.ª Sessão: Ciência e Espiritismo Experimental

9 — Reencarnação e sua demonstração experimental, sua comprovação histórica e estatística.

10 — Contribuição do Espiritismo ao progresso da ciência.

11 — Posição do Espiritismo frente à hipnose médica e a nucleonística.

12 — O Espiritismo frente à mediunidade curadora e a cirurgia mediúnica.

4.ª Sessão: Filosofia e Doutrina Espíritas

13 — A filosofia espírita e a civilização contemporânea.

14 — Como conter os avanços do Materialismo na civilização atual?

15 — O Espiritismo e os Evangelhos.

16 — A vida de Jesus ditada por Êle mesmo e seu caráter de Evangelho mediúnico.

5.ª Sessão: A Moral Espírita e sua Metodologia

17 — As Leis Morais. Lei Divina ou Natural.

18 — Importância do estudo da Moral nos centros espíritas.

19 — Importância do ensino e disciplina morais nos lares.

20 — Pode estabelecer-se alguma forma de contrôle moral para assistentes e espíritos comunicantes nas sessões espíritas?

6.ª Sessão: Sociologia e Assistência Social

21 — As ciências sociais e o Espiritismo.

22 — Prepara o Espiritismo uma nova civilização?

23 — Deve o Espiritismo organizar-se para atuar no lar e na família?

24 — Importância e significado da assistência social praticada pelos espíritas.

7.ª Sessão: Organização da C. E. P. A.

25 — Sede fixa da C.E.P.A.: Necessidade de sua organização efetiva.

26 — Como obter melhor organização no panamericanismo e no âmbito mundial.

27 — Estado atual e possibilidades do Espiritismo kardeciano nos E.E. U.U. da América do Norte.

28 — Declaração e afirmação da C. E. P. A. em uma posição equidistante, tolerante e prescindindo de todo o teor religioso, político ou racial dentro do Espiritismo da América.

8.ª Sessão: Assuntos Vários.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Serões Bíblicos - XII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

SETIMO DIA DA CRIAÇÃO

No terceiro dia, após aquêle em que Lumbaio saiu atrás de Tonhão Porcelo, pela manhã, encontraram-se de novo, aquêle e Chilon, na sala da pensão. Ao se avistarem foi-lhe logo dizendo Chilon:

— Então, caro Lumbaio, vendeu alguma coisa a Tonhão?

Lumbaio fêz sinal com o dedo indicador atravessado sôbre os lábios, pedindo silêncio, e chegando-se para bem perto de Chilon, respondeu-lhe em voz baixa:

— Como, se vendi! Jamais vi asno igual! Imagine que o paspalhão, querendo enriquecer-se mais, e depressa não só me comprou um casal de pedras-de-cevar, como ainda me pediu lhe fizesse um horóscopo. Vendo que era crendeirão, propus-lhe executar um «trabalho» de desentêrro de «mal feito», e isto, com a ajuda de São Cosme e São Damião. Tonhão, meio «econômico», perguntou-me se a coisa não sairia muito cara. Depois de êle muito pechinchar e eu de encarecer as dificuldades do serviço concertamos que me pagaria êle cinqüenta mil cruzeiros por tudo, incluindo-se o casal de pedras-de-cevar, e cem pacotes de defumador «São Cosme-Damião» que eu mesmo fabrico, com pó de serradura de madeira, colorido de verde resina aromática e breu dissolvido em alcool. O «trabalho» consistia no desentêrro do «mal-feito» que se acha em sua propriedade; as pedras-de-cevar dar-lhe-iam sorte nos negócios; o defumador «São Cosme-Damião» afastar-lhe-ia tôdas as más influências dos maus espíritos, atraindo as boas, dos bons.

— E já conseguiu você de S. Cosme e S. Damião a feitura do «trabalho»?

— Como não? Isto consistiu no desentêrro, o que me foi muito fácil executar, pois da outra vez que estive aquí em Cananéia, por ocasião da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, deixei tudo preparado; enterrei, então, perto duma touça de bananeira, uma vassourinha de cabelos humanos amarrada com galão de mortalha. Além disto pus, junto uns tocos de vela com um pouco de terra bem vermelhinha, a imitar terra-de-cemitério, contida numa miniatura de sarcófago egípcio, feito de falso bronze, muito fácil de se encontrar, à venda, em São Paulo.

E assumindo Lumbaio, por fôrça do hábito, o aspecto misterioso, sinistro, impressionante, de quem se faz interprete das sombras do Além, prosseguiu em voz trêmula e cava:

— À meia noite, eu, Tonhão e mais alguns crentes estávamos no local; o «guia» se «incorporou» em mim, e eu fui tacteando, apalpa aqui, bate o pé ali, sapateia acolá, até que dei com o lugar, e mandei que cavassem. Foi o próprio Tonhão Porcelo quem, tremendo aterrado, pegou do feitiço para metê-lo na pele do gato prêto, para jogar tudo no mar...

Depois de longa pausa, em que Chilon ficara perdido em cismas profundas, olhando o mar pela janela, sem o enxergar, como acordando de um sonho, exclamou de súbito:

— E o horóscopo?

— Agora não lhe posso mais falar aqui, porque chegou gente: vamo-nos para meu ou seu quarto, e lá continuaremos.

Acomodados, Lumbaio e Chilon, no quarto dêste, prosseguiu Lumbaio:

— O horóscopo, fí-lo dêste modo: primeiro fui às repartições públicas colhêr informações sôbre o dia e o mês em que nasceu Porcelo. Feito isto, peguei dum dêsses almanaques de remédios e procurei nêle o horóscopo correspondente ao seu dia e mês. Finalmente transcrevi o horóscopo com tinta simpática, que se revela e se torna visível, quando exposta aos vapôres de amoníaco. Fiz naturalmente uns acrescentamentos por minha conta, baseado no que vejo em Tonhão. Sendo êle homem baixo, ventrudo e gordalhão, de rosto amorenado e ar de suíno, há de ser, por certo, além de muito burro, pa-

cífico de gênio, dorminhoco e comilão como o Sancho Panço de Cervantes. Ameacei-o, portanto, com a pobreza, com o desconfôrto e com a fome, caso não quisesse atalhar o mal com um bom trabalho de limpeza de todos os espíritos que eram enviados contra êle, por causa da inveja que todos tinham de suas riquezas. Tudo isto estava escrito já, mas invisível ainda; entreguei, então, o papel a Porcelo, para que êle verificasse, com seus próprios olhos, que estava completamente em branco; depois disto, abrindo eu a arca de S. Cosme e S. Damião, mandei Tonhão colocar nela o papel. Passados cinco minutos persignei-me, agradeci aos «guias» pelo trabalho, e abri a urna para que Porcelo retirasse o horóscopo, já feito, com sua própria mão, para que não pairasse dúvida nenhuma sôbre a honestidade do serviço dos «guias», os quais executaram um perfeito trabalho de escrita direta. Foi assim que iniciei o negócio que me rendeu cinqüenta mil cruzeiros...

— E você não tem mêdo da polícia ?

— Como hei de temer a polícia se Porcelo e Cia. têm mêdo de mim ?

— Está certo... está certo... Mas vamos agora ao nosso tema bíblico interrompido há três dias.

— Como queira, disse Lumbaio. Nêste caso pego a Bíblia... Quer que eu me ajoelhe e a beije, como fazem alguns protestantes ?

— Deixe-se de graçolas ! Não sou nenhum fanático, mas respeito aquilo que outros reputam sagrado, seja a Bíblia ou seja Buda !

— Está bem... está bem... não precisa zangar-se... Aqui está o ponto em que paramos, e que considero apertoso... Aqui em Gên. 2 de 1 a 3, diz Deus que acabou ao dia sétimo a obra que tinha feito. Se acabou a obra no dia sétimo, como declara o texto que a terminou no dia sexto para descansar no sétimo ?

Chilon, sentado na cama, dando uns socos num travesseiro a que se recostara, para fazê-lo acomodar-se com a forma das costas, respondeu, entrecortando as primeiras palavras no rítimo dos socos :

— Não... se lembra... de que já estudamos... êste ponto ? Levantou você, já esta mesma questão com dizer que se Deus fêz a Criação do Universo em seis dias, e descansou no sétimo que é a era Quaternária que estamos vivendo, desde então está inativo. Lá eu dizia que Deus não se acha inativo, porquanto conservar sua obra, se bem que não seja Criação, é trabalho. E também eu dizia, então, que na inspiração de Moisés, Deus tinha em vista a Terra, e não, decerto, outros Universos que pode ter criado e esteja criando alhures, dos quais não podemos ter ciência, por estarem além da nossa curvatura da luz. Agora, cuidando você apertar-me, me dá um elemento precioso para fechar esta discussão, como se fôra com chave de ouro. Esta é a prova de que Deus não se encontra inativo nesta era geológica em que vivemos, de formação de consciência e de espiritualidade, e só por isso tida e havida como dia sétimo, reservado à santificação. Se diz expressamente o texto que Deus acabou sua obra no sétimo dia que é a era Quaternária atual, segue-se que está trabalhando ainda em acabá-la, pelo que estamos apenas nos albôres do dia sétimo. Acabar ou dar acabamento é retocar, corrigir, melhorar, aperfeiçoar, como fazem todos os artistas, quando se aplicam ao que chamam lavor ou artezanato. A obra está terminada no que concerne à biologia, mas é preciso darlhe acabamento no que diz respeito à psicologia. Onde houver demasias, ali estará aplicado o cinzel divino sob os golpes dolorosos do maço. Esta é a causa da dor a qual tem só em vista corrigir e melhorar a obra, e não fazer pagar culpas, como pensam muitos. Com ou sem culpas próximas, onde houver arestas por desbastar ali estará trabalhando o buril !... Por isso, esta é a era da formação de consciências, do desabrochar do espírito, do expandir da inteligência e do frutificar do amor, e está apenas começando !...

Lumbaio, fazendo beiço, para indicar incredulidade. retrucou, de pronto :

— Como poderá você provar-me isso ?

— E' fácil, disse Chilon ; e ao dizê-lo, pôs-se de pé, a fim de apanhar um livro sôbre a mesa. Ao tempo em que o folhava, andou maquinalmente até a janela em busca de maior cla-

ridade. Está aqui, exclamou finalmente, após longa pausa: Fritz Kahn, à página 200 da sua obra «O Livro da Natureza» Vol. I, mostra-nos um desenho de relógio em cujo mostrador está expresso, em cinco setores do círculo, o tempo gasto pela evolução da vida, depois do que, escreve: «Projetando-se a história terrestre, desde o aparecimento da vida, sôbre o relógio, reconhecem-se as leis da sua evolução. As épocas primitivas foram imensamente longas, e a evolução nelas muito lenta. As épocas posteriores tornam-se cada vez mais curtas e o desenvolvimento cada vez mais rápido. A existência do reino animal abrange 24 horas, a do homem 24 segundos».

Crônica Estrangeira

LEMBRANÇAS DE REENCARNAÇÕES PASSADAS

(La Revue Spirite)

O Professor Dr. Ian Stevenson, catedrático da secção de Neurologia e psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade da Virginia, USA, acaba de publicar um pequeno livro (M. C. Peto Editor, 16, Kingswood Road, Tadworth (Surrey), England) muito condensado, mas completo, enriquecido de documentos probatórios, relativamente aos estudos e pesquisas que empreendeu durante muitos anos, através do mundo, sôbre provas da sobrevivência do espírito e da reencarnação. Não figuram na obra senão os casos realmente controlados obtidos no local ou por pesquisas fidedignas. É impossível transcrever os casos registrados, alguns dêles já conhecidos no meio espírita. Êsse livro apresenta uma grande importância, primeiro pela escolha realmente séria das provas, depois pela personalidade de seu autor e também pelo fato de se destinar aos pesquisadores de língua inglêsa, dos quais muitos se mantém ainda refratários às teorias espíritas sôbre a reencarnação.

Em seguida a um prefácio em que o Prof. Stevenson apresenta o histórico da crença na reencarnação, dos Vedas da Índia antiga aos filósofos modernos, entre os quais cita Hume, Goethe, Lessing, Schopenhauer, passando pelos gregos Empédocles, Pitágoras, etc., explica que milhares de pessoas registram atração ou chamamentos por certos países, povos, nomes, alimentações ou objetos, outras vêzes temores e aversões, e tudo isso tem sua razão de ser como decorrências de acontecimentos em vidas passadas. Os pesquisadores psiquiátricos demonstram que, freqüentemente, tais reações aparecem às vêzes tardiamente, sem que se possa compreender porque se mantiveram recolhidas tão longo tempo em certas pessoas, nem porque desaparecem tão ràpidamente em outras. É possível que as pessoas que se alegram ou que sofrem por essas reminiscências, tenham esquecido completamente sua origem. Mas essa memória, em certos casos, pode ser reativada pela aplicação de certas técnicas (a hipnose, por exemplo), ou o emprêgo de certas drogas.

Debruçando-se sôbre as valiosas provas reunidas, em centenas de casos, o Prof. Stevenson concebeu uma *Tábua de classificação de variedades aparentes de Memórias evidentes de Reencarnação,* extremamente interessante, trabalho que, ao que imaginamos, não fôra ainda empreendido cientìficamente e que é de evidente interêsse para os pesquisadores sérios.

Seguem-se estudos particularizados e análises dos principais casos provados e uma parte sôbre os riscos de fraudes conscientes e inconscientes (pois bem sabemos que muitas fraudes são absolutamente inconscientes). Um dos capítulos da obra se intitula: «Derivações da Memória através de meios normais com esquecimento subsequente das fontes», outros estudam a Memória Racial já estudada pelo Prof. Jung que a denominava «inconsciente coletivo», os fenômenos de «retro e de post-cognição», as possessões, etc.

A terceira parte do livro é intitu-

lada: «Proposições para futuras investigações» e oferece igualmente um grande interêsse. Finalmente em sua Conclusão o Prof. Stevenson sublinha a importância de tais pesquisas que justificam, pensa, um mais amplo e mais simpático estudo dessas «hipóteses». Nas comunicações mediúnicas, diz ainda, tocamos o problema da prova da sobrevivência, e nas memórias de encarnações passadas, a prova de que «qualquer pessoa realmente *viva* já foi considerada como morta».

Sabemos que o Prof. Stevenson continúa pesquisando com o mesmo escrúpulo, honestidade e o mesmo cuidado científico de verdade, e esta é uma notícia que faz sinceramente rejubilar o mundo espírita.

CURAS ESPIRITUAIS NA RODÉSIA

A história dramática de Mrs. Margareth Jackson Hillan, vem contada no *Bulawaio Sunday News,* da Rodésia do Sul. Durante 12 anos vários médicos e 11 especialistas da Inglaterra, África do Sul e Rodésia foram incapazes de apresentar um diagnóstico definitivo para o caso de Mrs. Hillan, provavelmente uma esclerose disseminada, a paralisia verde, para a qual não existe cura. Desesperada a enfêrma subtraiu pílulas soporíferas, com as quais pretendia por fim à vida. Foi quando lhe falaram acerca do grupo de curas de Luanshya onde médicos espirituais trabalham através de vários médiuns, tôdas as semanas. Coisas inacreditáveis sucederam então. Com seu marido a enfêrma assistiu a trabalhos equivalentes a operações, depois dos quais, ao longo de três mêses de tratamento, pôde usar as pernas. Mrs. Hillan se sente bem disposta e feliz. «Nossa vida, ao contacto com o Espiritismo, diz ela, mudou completamente... para melhor.»

O jornal informa ainda que muitos casos de artritismo e problemas cardíacos obtiveram curas embora — frisa — nenhum dos médiuns tenha qualquer conhecimento de medicina.

DOIS CASOS DE REENCARNAÇÃO?

O jornalista Howard Murphett, em *Today,* faz esta pergunta: «Ao reencarnarmos podemos escolher nosso corpo?» E conta os dois casos seguintes:

Alexandrina, filha do Dr. C. Samona, de Palermo, Sicília, teve meningite e morreu aos 5 anos. Em sonhos a mãe revê a garota e esta lhe diz que retornará ao lar antigo. O casal procura uma sessão espírita e nela é informado de que a menina retornaria como uma das gêmeas que deveriam nascer. Uma operação recente fazia quase improvável que a Snra. Samona pudesse ter outros filhos. Não obstante, nascem as gêmeas e àquela que mais se parece com a morta dão o nome de Alexandrina. Aos oito anos dizem à menina que irá passear na cidade de Monreale. «Oh! Eu já estive lá!» diz ela contente «Não, nunca estiveste.» «Sim, sim, vou contar como é.» «Alexandrina conta em detalhes o aspecto da cidade. Ora ela nunca esteve em Monreale, mas a outra Alexandrina, da qual é o retrato perfeito, esteve.

Peter Nilov nunca falou senão chinês e russo, pois nasceu no extremo leste. Desde sua infância tem um sonho que se repete em tôdas as circunstâncias e que o enche de terror. Está assentado numa mesa de banquete, num castelo medieval. Em torno os hóspedes são extremamente reais. Êle se envolve numa querela e é ferido num duelo, por um espadim. Nilov sente a agonia da lâmina em seu coração. Fala nos sonhos e houve os que lhe falam, porém não entende o sentido até que se muda para a Austrália e... .aprende o inglês. A coincidência maior é que Nilov nasceu com um sinal sôbre o coração, exatamente como a marca de um ferimento de espada.

UM ARCEBISPO FALA DE REENCARNAÇÃO

(L'Heure d'Être)

É de um valor singular o juizo que transcrevemos a respeito da reencarnação, pois que se trata do parecer do Ar-

cebispo Louis Puacher Passaralli, da ordem dos capuchinhos, predicador apostólico junto à Santa Sé. A confissão que mostra o arcebispo partidário dessa idéia espírita, foi retirada de uma carta dirigida por D. Louis Puacher Passaralli ao senador francês Taurredi, cuja espôsa sustenta o mesmo critério. Diz assim:

«A vulgarização da idéia da pluralidade das existências seria um meio para realizar os desígnios de Deus, permitindo ao homem a certeza de que pode expiar suas faltas, purificar-se e esforçar-se para se tornar digno dÊle e da vida imortal do Céu. Constituiria um grande passo e resolveria os problemas inextricáveis e árduos de que é portadora a alma humana.

É minha opinião que o conhecimento dessa verdade seria fecunda em conseqüências práticas para a Religião e para a Sociedade.

(as.) *Louis Puacher,* Arcebispo».

Espiritismo no Brasil

O PRIMEIRO «ANAIS DO INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL»

O ICEB, com sede no Rio, à rua dos Andradas 96, 12.º andar, acaba de lançar o seu primeiro volume, que abrange os anos 1958-59, e contém o resumo das aulas proferidas nêsse Instituto pelos mais credenciados professôres de Lógica, Psicologia, Filosofia, História das Religiões, Geologia, Didática e Espiritismo, que conta o meio espírita do Rio.

É formado de 3 partes: 1.ª parte —resumo das aulas das matérias acima expostas; 2.ª parte—«Espiritismo e Metapsíquica», por Carlos Imbassahy; «Como desenvolver a Ciência Psíquica», por Karl Müller, Presidente da Federação Espírita Internacional; «A 3.ª Revelação no Processo Dialético e Palingenésico da História», por Humberto Mariotti, de Buenos Aires (Conf. Espírita Argentina) e «Doutrina Espírita e Sociologia», por Deolindo Amorim, Presidente do ICEB e organizador dos Anais; 3.ª parte — Noticiário, Corpo de Professôres e Correspondentes (nacionais e estrangeiros) do ICEB.

A referida publicação merece a mais ampla propaganda pois o seu conteúdo é rico de informações doutrinárias de grande importância para o ensino da doutrina e de Parapsicologia nas escolas e Centros Espíritas. Parabens ao ICEB por tão nobre iniciativa.

Pedidos para o enderêço acima, para a Livraria da Federação Espírita do Paraná que a editou, e às principais Livrarias do país.

Cícero Pimentel — Membro do ICEB

S. André, 25/7/63

VI SEMANA CAIRBAR SCHUTEL EM DUQUE DE CAXIAS

Será levada a efeito a VI Semana Cairbar Schutel, de 16 a 22 de setembro do corrente, na cidade de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro.

A Semana Espírita Cairbar Schutel, dêste ano em Caxias, será em forma de debates, ressaltando os principais pontos da Doutrina, mormente aquêles sôbre os quais há tanta divergência.

Os oradores organizarão seus temas, abrangendo os pontos principais da Doutrina e serão refutados caso haja necessidade, se assim entenderem os assistentes mais capazes.

Será um acontecimento nos meios espíritas e muito virá contribuir para que melhor se possam fixar as bases da Doutrina, restabelecendo os seus verdadeiros postulados, elevando-a à categoria de uma doutrina estudada e compreendida, ao invés de uma crença que a rebaixa.

O nosso confrade Ademar Constant, valoroso e vigoroso batalhador, como pioneiro desta democrática e imparcialíssima forma de propaganda espírita, merece os nossos aplausos.

Futuramente, em Caxias, não se

falará sómente das conquistas materiais e políticas mas também dos debates doutrinários promovidos pelo ilustre confrade Ademar Constant.

No dia 16, ás 20 horas, na Ass. «Cairbar Schutel», Deolindo Amorim com o tema: E' o Espiritismo uma filosofia? Por que?

Dia 17, Humberto Alexandrino de Aquino: Como deve o espírita comportar-se em face das religiões ou credos religiosos? No C. E. Bezerra de Menezes.

Dia 18 na Cruzada Esp. Díscípulos de Allan Kardec, Av. Paulista, 53, Arlindo Madeira: De que carece o Espiritismo para sua maior propagação? Por que?

Dia 19, no C. E. Caminheiros de Jesus, na rua Sete de Setembro, 986, o Gal. Alfredo Molinaro: O Espiritismo é uma conduta moral diante da vida? Por que?

Dia 20, no C. E. Tiago Apóstolo, Av. Duque de Caxias, 491, o Dr. Tulio Chaves: A Ciência médica confirma a reencarnação? Por que?

Dia 21, na Associação Comercial de Duque de Caxias: Cel. Euclides Fleury: E' o Espirítismo uma ciência? Por que?

Dia 22, encerramento: Abstal Loureiro, na Ass. Cairbar Schutel: São ou não são oportunos os congressos espíritas? Por que?

Em tôdas as reuniões haverá debates.

— Com excessão da reunião de encerramento, que terá ínicio às 16 hs., as demais começarão às 20 hs.

LIVROS NOVOS

«Opinião Espírita»

Com o título acima acaba de ser lançado pelo Departamento Editorial da Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, Minas Gerais, mais um livro mirim, constituido por 60 capítulos de páginas mediúnicas dos autores Emmanuel e André Luiz, psicografadas pelos médiuns, Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

É o livro que deve ocupar um lugarzinho no bolso de todos estudiosos.

Com capa colorida e brilhante, primorosa apresentação gráfica, admirável trabalho com que os nossos mentôres espirituais procuram facilitar a divulgação dos princípios doutrinários.

Todos devem possuir êste maravilhoso livro.

É também um rico presente que se pode oferecer a um amigo.

Preço de 1 exemplar, Cr. $ 250,00.

—

«Antologia dos Imortais»

Pela Federação Espírita Brasileira, (Departamento Editorial), acaba de ser lançada a monumental obra mediúnica «ANTOLOGIA DOS IMORTAIS», psicografada por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, sendo a organização, prefácio e notas, de Elias Barbosa.

O livro é em formato 16 x 24 cm., primorosa apresentação gráfica, papel de primeira, tipo couchê; impressão in-16.º, capa em 3 côres e plastificada, composição em diferentes corpos, vários índices, mais de cem retratos a traço; síntese biográfica de cada um dos poetas identificados; estudos críticos; alguns dados sôbre a vida e a obra dos médiuns, juntamente com seus respectivos retratos.

— Agradecendo o exemplar que graciosamente nos ofertou a Federação Espírita Brasileira, não podemos deixar de recomendar a todos, espíritas e não espíritas, a leitura desta obra verdadeiramente monumental.

Preço de cada exemplar, Cr. $ 1.350,00.

DE SALVADOR -- BAHIA

Realizou-se em Salvador, Bahia, de 14 a 18 de agôsto p. passado, a Concentração Espírita do Nordeste Brasileiro, convocada pela Federação Espírita Brasileira, a qual delegou à U. S. E. do Estado de S. Paulo o trabalho de sua realização.

Referida Concentração, que congregou os representantes das entidades federativas do nordeste do país, constituiu, não só uma oportunidade de confraternização para os espíritas brasileiros, como também propiciou o ensejo para o exame e divulgação das conclusões finais do Simpósio Espírita Centro Sulino, realizado em abril de 1962 em Curitiba.

Campanha de Agasalhos e Cobertores

O Departamento de Assistência Social do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», recebeu, até esta data, mais os seguintes donativos para a Campanha de Agasalhos e Cobertores, em 1963 :

Pedro Pierini, 50,00 ; Anonima de Araraquara, 80,000 ; Anonimo . . 20,00 ; Jaime Matheus Sanches . . 250,00 ; Vitor Masi, 50,00 ; Waldemar Cardoso, 150,00 ; Dr. Bianor Medeiros, 500,00.

Fundo de Assistência e Propaganda

Para o «Fundo de Assistência e Propaganda», destinado à reforma das instalações de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», a fim de melhorar as edições e aumentar a circulação das mesmas pela maior difusão da Doutrina, recebemos mais os seguintes donativos:

Abilio do Couto Alves da Fonte, 4.800,00 ; Dr. Francisco Klörs Werneck, 300,00 ; Benedito Daniel, 300,00 ; Mario de Aguiar, 200,00 ; José Felix Bonfim, 500,00; Dr. Carlos Imbassahy, 500,00 ; E. Almeida Prado Filho, 500,00 ; Cesar Augusto Flores Marques, 150,00 ; Dr. Bianor Medeiros, . . . 1.000,00 ; João Bovino, 3.750,00 ; Elias Caires Braz, 150,00 ; José Jorge de Lima, 250,00.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 150,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 400,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 150,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Responsável: José da Cunha

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 600,00
Semestre	—	„ „	350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : **Rio de Janeiro**

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37